

ASPECTOS IDEOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NOS DISCURSOS DA REVISTA “A ESCOLA” (1900-1905)

Michelle Araujo de Oliveira*

Wellington da Costa Pinheiro**

RESUMO

Este artigo visa discutir alguns aspectos ideológicos sobre representatividade da mãe na educação e formação da criança e como essa infância era vista na sociedade do início do século XX. Para isso, serão analisados dois textos de duas edições da Revista “A Escola- revista oficial de ensino” veiculada na cidade de Belém do Pará nos de 1900 a 1905, tendo por finalidade a publicação de textos cujas temáticas eram voltadas à Educação do início do século XX. Por meio da Teoria de Análise do Discurso Bakhtiniana, este artigo propõe uma breve análise baseada nos postulados de Mikhail Bakhtin. Vários gêneros textuais estão presentes neste periódico e muitos deles abordam a Infância e a Criança. Isto aponta para a relevância de um estudo nos moldes da Análise do Discurso bakhtiniana na revista “A Escola”, uma vez que é possível encontrar aspectos discursivos como ideologia, representação dos sujeitos, polifonia, entre outros, os quais aludem ao público infantil, trazendo consigo algumas caracterizações discursivas que permitem compreender certa conceituação acerca da Criança da época. Na análise, pôde-se verificar que a mãe é vista como a principal responsável na educação familiar das crianças e como a ideologização dessa figura materna influencia diretamente na formação do ser criança.

Palavras-chave: Discurso. Infância. Educação

* Professora do curso de Letras da Universidade do Estado do Amapá. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Espanhola pela Faculdade Atual/AP.

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará. Mestre em Educação pelo mesmo programa – UFPA. Graduado em Letras pela UFPA e em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará.

ASPECTOS DE IDEOLOGIA DE LA EDUCACIÓN DE LOS NIÑOS EN LOS DISCURSOS DE LA REVISTA “A ESCOLA” (1900 A 1905)

RESUME

Este artículo va a tratar algunos aspectos de ideología a respecto de la representación de las madres en la educación y formación de los niños y se va a tratar también cual es esta infancia vista en la sociedad del principio de siglo XX. Para esto, van a ser analizados dos textos de dos ediciones del Periódico “A Escola – Revista Oficial de Ensino”, que fueron publicados en la ciudad de Belém – Pará en los años de 1900 hasta 1905. El Periódico tenía por finalidad la publicación de textos con temáticas para la educación del principio de siglo XX. Por intermedio de la teoría del Análisis del Discurso Bakhtiniana, este artículo se propone a una breve reflexión basada en los postulados de Mikhail Bakhtin. Muchos son los géneros textuales presentes en este periódico los cuales hablan sobre Infancia y los niños. Esto presenta la relevancia de un estudio en los moldes de la Análisis del Discurso bakhtiniana en el periódico dicto, ya que es posible encontrar los aspectos como ideología, representación de sujetos, polifonía, entre otros, aludiendo al público infantil, trayendo con ellos algunas de las características discursivas que permiten comprender algunos conceptos sobre los niños de la época. En esto análisis, se pudo ver que la madre es la principal responsable por la educación de familia y de los cuidados con los niños. Además, se pudo entender como ocurría la ideología de esta madre y su influencia en la formación de sus hijos.

Palabras-chave: Periódico “A Escola”. Bakhtin. Infancia.

INTRODUÇÃO

O final do século XIX é marcado por dois grandes marcos na História do Brasil: a abolição da escravidão em 1888 e a proclamação da República do Brasil em 1889. Estes feitos trouxeram para o início do século XX, com o advento da Primeira República, muitos discursos veiculados por autoridades e políticos, naquele período, preocupados em trazer para o Período Republicano a modernidade tão almejada por este sistema recém instaurado.

Diante disso, várias ações estavam ocorrendo em vários âmbitos do Brasil para que o progresso chegasse ao país recém-republicano. Dentre tais ações, estão as que se voltaram à educação brasileira. O início do século XX promoveu uma grande leva de periódicos voltados a orientar os professores que, a partir daquele momento, serviriam de modelo de “modernização” na área

educacional.

Partindo-se dessa perspectiva, este artigo visa a analisar dois textos extraídos da Revista *A Escola- revista oficial de ensino* cuja publicação ocorreu entre os anos de 1900 a 1905 na cidade de Belém do Pará. Por meio da análise discursiva destes textos à luz da teoria bakhtiniana, tentar-se-á apontar de que maneira o discurso ideológico está presente no trato das mães para com as crianças e como estas são retratadas na sociedade da época.

A revista *A Escola – Revista Oficial de Ensino* foi publicada na cidade de Belém do Pará nos anos de 1900 a 1905. Sua primeira edição – maio de 1900 – contém cerca de 200 páginas e sua edição era mensal, totalizando 60 no total. A revista apresentava textos de diversos gêneros: textos legislativos voltados às leis que beneficiavam os setores educacionais – principalmente as escolas (públicas e privadas), notícias, manuais de ensino, contos, poemas, conselhos aos pais dos alunos, hinos, lições de matemática, português etc. Conforme a revista vai se consolidando, nota-se uma mudança quanto ao foco dos textos publicados, além da redução no número de páginas.

Dentre os gêneros textuais encontrados, observa-se grande número de textos instrutivos voltados a professores ou mães e pais dos alunos com a finalidade de auxiliar na educação das crianças.

Para se alcançar o objetivo desta análise, será apresentado breve comentário acerca da concepção de infância à época do início do século XX. Posteriormente, alguns postulados sobre a teoria bakhtiniana serão apresentados para fomentar a análise que virá a seguir. Por fim, serão apresentados trechos dos textos aqui analisados discursivamente para que se possa verificar como estes aspectos ideológicos estão concretizados nos discursos sobre a educação das crianças.

A INFÂNCIA NA PRIMEIRA REPÚBLICA – BREVE PERCURSO HISTÓRICO

O conceito de infância, enquanto uma categoria social e fase específica da existência humana é parte de uma discussão muito recente em termos historiográficos. Ariès (1981) foi um dos precursores no desenvolvimento de estudos acerca da noção moderna de infância, contribuindo para o iniciar de discussões que convergem para o entendimento de que o sujeito criança veio sendo visto de diferentes maneiras ao longo dos tempos até chegar na compreensão que se tem como referência atualmente.

Segundo Ariès (1981), a criança na Idade Média era vista como homens e mulheres de tamanho reduzido, eram tidas como adultos em miniatura, não havendo a consciência de que as crianças eram diferentes dos adultos. Nesse período, o modo de se vestir, as conversas, os jogos, as brincadeiras e até os trabalhos realizados pelas crianças eram praticamente os mesmos, não existia a separação entre o universo infantil e o adulto. Segundo Ariès, (1981, p. 20), “essa infância muito

curta fazia com que as crianças ao completarem cinco ou sete anos já ingressassem no mundo dos adultos sem absolutamente nenhuma transição. ”

Ariès (1981), ao longo de seu estudo, vai revelar que o descobrir da noção de criança, tal qual se conhece hoje, tem sua origem a partir da preocupação com o processo de escolarização na virada do século XIX para o XX. Neste contexto, a infância começou a ser concebida de forma mais próxima ao sentimento moderno que visualiza a criança, tendo em vista que, com o processo de industrialização, há uma reconfiguração nos modelos de família, que passam a ficar mais reduzidos bem como a preocupação com o processo de escolarização. Isto é, com menos pessoas nas famílias, a criança ganha mais destaque e a escola entra como a instituição que vai preparar o futuro adulto, pois a infância passa a ser tida como alvo de investimentos.

Para Heywood (2004), a preocupação pelo período da infância é um fenômeno recente muito por conta dos poucos registros que se tem sobre as memórias e experiências de infância em épocas passadas, pois havia pouco interesse em conhecer as especificidades dos sujeitos nessa etapa da vida. Na sociedade medieval, por exemplo, a centralidade em assuntos religiosos retirou muitos temas do foco de interesse da época e a infância foi um deles. Além disso, o foco na vida adulta era predominante em detrimento à infância.

A modernidade trouxe a ideia de que a criança, tida como ingênua, pura e ociosa, fazia parte de um período que precisava ser alvo de investimentos morais, educacionais e de cuidados com a saúde, promovendo um modelo de infância universal que foi divulgado e projetado a partir do padrão burguês de criança, com base em critérios de idade e dependência do adulto, característicos de um tipo específico de papel social por ela assumido no interior dessa classe.

O Brasil República trouxe consigo um novo olhar de infância e assistência ao menor. No que tange às leis para acolhimento e auxílio dos menores, existiu no início do século XX, uma avalanche de decretos e leis que promovessem essa assistência à infância na tentativa de regular a situação da criança no Brasil, em especial aos menores abandonados e desvalidos. Havia a necessidade de se atingir o “ideal republicano”. Desta maneira, as crianças estavam na condição de alvo de ações e práticas que as modelavam para que não assumissem uma condição física e moral que prejudicasse o processo modernizado do Brasil República. Logo, a infância necessitava ser educada, cuidada, disciplinada, higienizada e controlada. Aos meninos, pensava-se uma educação para formar trabalhadores, já às meninas projetavam-se futuras donas de casa e zelosas mães de família.

Além das leis de assistência à infância, o início da República é marcado por congressos que discutiam a proteção à Infância e à Criança. Dentre esses, encontram-se o Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (CBPI) e o(s) Congresso(s) Americano da Criança (CAC). Tais congressos apresentavam a finalidade de expor – além da preocupação com higiene, saúde e segurança – ideias em prol da educação das crianças. Os CAC’s ocorreram nas primeiras décadas do século XX e

apresentou grande expressão no que diz respeito ao número de participantes de diversas esferas sociais, tal participação também ocorrera com o CBPI, o que corrobora a preocupação que se tinha com o tema sobre a infância.

Essa intensa participação desses agentes de diferentes esferas sociais corrobora o argumento de nação moderna, tanto empregado à época. A criança, na primeira República, estava em foco, uma vez que a sociedade precisava olhar para ela e para sua educação para que houvesse o tão almejado progresso.

A partir dessa breve e pontual contextualização sobre a Infância na Primeira República, percebe-se que esta categoria social sempre foi alvo de discursos que atribuíam sentidos e significados à forma como foram vistas socialmente. Tais significados contribuem também para a visão que a sociedade vai ter da criança no aspecto educacional.

BAKHTIN – ALGUNS CONCEITOS

Bakhtin pode ser considerado um dos mais influentes pensadores na área de estudos da linguagem, a partir da perspectiva interacional de linguagem – o dialogismo. Frequentou vários círculos de discussões teóricas, dentre eles o Círculo de Bakhtin o qual discutia teorias desse pensador. Na década de 20, publicou várias obras, dentre elas, *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), sendo considerada sua obra mais célebre.

Partindo dessa perspectiva, é imprescindível tratar, neste ponto, de alguns conceitos-chave de sua teoria. Ao se referir à comunicação verbal, o pensador russo apresenta conceitos de dialogismo, enunciado, discurso, polifonia e ideologia para fundamentar sua teoria a respeito da enunciação.

De acordo com a perspectiva enunciativa defendida por Bakhtin, a comunicação se dá por meio da alternância entre os sujeitos falantes – os interlocutores ou locutores –, entendidos aqui como participantes da comunicação verbal, os quais atuam ativamente no processo comunicativo. Bakhtin (1997, p. 294) confere ao enunciado o papel de unidade de comunicação verbal: “O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes e que termina por uma transferência da palavra ao outro [...]”

Ainda a respeito do enunciado, Fiorin (2006, p.19) afirma que

[...] todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciatador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu.

Por adotar o enunciado como unidade de comunicação, Bakhtin adota a prerrogativa de que

se faz uma análise de um discurso verbal diante da situação social na qual este enunciado se insere. Dessa forma, como os enunciados são construídos sempre por meio de uma troca interacional entre interlocutores, eles são constituídos de aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos.

Ao se referir à formação dos discursos dentro da perspectiva dialógica, Bakhtin apresenta a noção de polifonia, a qual pode ser considerada “multiplicidade de vozes e de consciências independentes” (BAKHTIN, 1981, p. 2). Ou seja, nenhum discurso é inédito, ele é resultado de outras experiências já vivenciadas pelos interlocutores em situações anteriores de comunicação. Sendo assim,

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, e é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear (BAKHTIN, 1997, p.319).

Além disso, ao conceituar “palavra”, Bakhtin (1997, p.178) considera “sua história, sua historicidade, ou seja, especialmente a linguagem em uso”, tornando-se “elemento concreto de feitura ideológica”. Para ele, “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN, 2006, p. 34). Ou seja, O caráter ideológico se torna concreto a partir do uso da palavra dentro do discurso. Bakhtin parte do pressuposto de que todo enunciado se dá em contextos únicos e contextualizados. Portanto, seu caráter ideológico vai se constituir da mesma maneira. Por estarem em contextos específicos, os enunciados estão carregados de manifestações ideológicas as quais se manifestam por meio da interação verbal realizada através das relações sociais.

OS CUIDADOS E A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS NA REVISTA “A ESCOLA – REVISTA OFFICIAL DE ENSINO”

Nos textos *Conselho às mães e Educação e Instrução*, presentes na Revista “A Escola”, percebem-se características discursivas que marcam alguns aspectos ideológicos e culturais presentes no início do século XX, no que diz respeito aos discursos sobre a infância, a criança e aos cuidados e à educação desta pelas mães, revelando importantes questões sobre a forma de se conceber tais categorias no referido contexto histórico.

O texto *Conselho às mães*, de Paula Barros, apresenta como subtítulo a expressão “Educação das Crianças”; antecipando, de certa forma, a leitura que está por vir. Ao iniciar a leitura do texto, nota-se que este é destinado exclusivamente às mães das crianças e à importância que o discurso materno tem na formação infantil. O título também sugere esse destinatário mesmo que depois da

leitura, não se reconhece um “conselho” direto: o que se nota durante todo o texto são acusações de responsabilidade da mãe na formação negativa das crianças.

A autora descreve como a repreensão materna pode interferir na formação dos “inocentinhos”, trazendo-lhes prejuízos para sua mente ainda ingênua com relação a alguns aspectos sociais. Segundo o texto, a mãe impõe a maldade às crianças ao repreendê-las, uma vez que suas palavras podem surtir negatividade:

– A menina mentiu: fez isso por maldade; é uma teimosa, não tem vergonha nenhuma etc. Quantos defeitos tem já a pobre criança! Impostura, ruindade, obstinação, desvergonhamento! O que ahi vae! Por este caminhar, dentro de poucos annos deve ser um monstro.” (A ESCOLA, 1904, p.71).

O trecho acima inicia com uma suposta fala da mãe, afirmando que a filha “...mentiu: fez isso por maldade...”. Ao escutar tal fala, a “pobre criança” pode se tornar um “monstro” ao ouvir repetidamente esse discurso da mãe, que a trata como “mentirosa”. O argumento utilizado durante todo o texto é o de que, ao ouvir tal discurso materno, a criança vai se transformar naquilo que a mãe a chama. Ou seja, ao denominar a menina como mentirosa, segundo a autora, a criança no futuro transformar-se-á em mentirosa de tanto ouvir esse discurso proferido pela mãe.

Partindo-se desse pressuposto, nota-se um discurso voltado à culpabilidade da mãe na educação das crianças. Isto é, a repreensão, o discurso da mãe vai formar a personalidade da criança, vista, a partir da modernidade, como um ser inocente e sem maldade. Observa-se em todo o texto essa relação de causa e consequência: por proferir um discurso acusativo na criança, esta perderá sua inocência e pureza, transformando-se num ser humano maldoso, preguiçoso, dependendo do que a mãe o acusará em sua repreensão.

Diante disso, alguns aspectos ideológicos podem ser identificados no discurso do texto. Dentre eles, a omissão dos homens na educação das crianças, caracterizando um ethos social de intensa exigência nas mães quanto à formação – consequentemente educação – da criança no aspecto do lar. O texto aqui analisado não faz menção à figura paterna, não se vê um olhar de responsabilidade para a figura masculina. O discurso proferido no texto “Conselho às mães”, desde título e subtítulo, já aponta a quem se destina tal responsabilidade.

Além disso, ressalta-se também a figura da menina, a qual deve ser criada como a futura dona do lar, a futura mãe que também terá a responsabilidade na formação de seus futuros filhos, o que reforça aqui a importância no tratamento das mães com as crianças, já que se compreende que estes discursos “negativos” passarão de geração em geração.

Diante desse contexto, são colocados dois exemplos de meninas e a forma como elas tratam suas “bonecas”:

Quem attentar bem nas brincadeiras de qualquer criança reconhece logo o systema de

educação que a dirige. Tenho visto meninas que a brincar maltratam as bonecas, aplicando-lhes frequentes castigos, ralhando constantemente com ellas, batendo lhes sem dó. Outras então cobrem poeticamente de affagos a insensível figurinha com que se entretêm, dando-lhe brandamente conselhos, ensinando-lhe a resar, admoestando-a sem nunca, empregar palavras grosseiras nem agressivas. (A ESCOLA, 1904, p. 72)

Nos exemplos apontados acima, notam-se dois tipos de postura: a primeira é a de uma criança agressiva, raivosa que “maltrata a boneca” com a qual brinca; já a segunda criança é cheia de carinhos à sua boneca. O discurso por trás destes exemplos referem-se à ideia de que a educação que estas meninas têm em casa pode ser visualizada no trato que elas têm com suas bonecas. Neste ponto, observa-se a polifonia defendida por Bakhtin, uma vez que o trato com as bonecas reconhece um provável discurso proferido pela mãe em casa. Ao apresentar a multiplicidade de vozes no discurso, Bakhtin reconhece que nenhum discurso é inédito, mas representações de outros discursos, o que é feito pelas meninas quando brincam com suas bonecas.

Este pressuposto da teoria de Bakhtin se apresenta no próprio discurso ao final do texto, uma vez que a autora defende a ideia de que o tratamento diferente das meninas com suas bonecas provém de uma “Mera inclinação Natural” (A ESCOLA, 1904, p.72). Em outras palavras, os discursos reproduzidos em casa, pela mãe, são absorvidos pela menina, o que acarretará em outros discursos que esta menina proferirá na vida adulta.

Por fim, tais discursos reconhecem o contexto histórico da época, tal como postulava Bakhtin, ao afirmar que os discursos, apesar serem únicos, sofriam influências de seu contexto histórico. Apontar a criança como ingênua, inocente, frágil era característica do discurso para a criança na modernidade do início do século XX. Como o texto aqui analisado provém de uma revista destinada à Educação das crianças, sua finalidade é tentar apresentar como a educação do lar – representada na figura da mãe – também contribui para que essa educação seja de excelência, o que provavelmente justifica o título, que tende a aconselhar às mães em influenciar os filhos de forma sempre positiva, rechaçando discursos e posturas negativas que poderiam trazer à criança – em especial à menina – uma educação permeada de acusações e modelos ruins para a formação do futuro adulto.

Já o texto intitulado “Educação e Instrução” foi publicado em Outubro do ano de 1900. Este texto, em seu momento inicial, apresenta a finalidade de diferenciar, na teoria, os conceitos de “Educação” e “Instrução”. Segundo seu autor, muitos pais adotam o termo como se fossem sinônimos, o que é refutado logo na sua introdução:

Não é raro dizerem chefes de família: - desejo dar boa educação a meu filho, e por isso vou manda-lo ao colégio. Exprimem-se assim, não sabemos se por ignorância ou por não quererem cumprir os seus deveres: o certo é que a juventude é quem sofre as funestas consequências dessa desidia ignorancia. (A ESCOLA, 1900, p. 27).

Assim, o texto segue em sua linha de raciocínio a diferenciar estes dois conceitos no sentido

de afirmar que a Escola não pode ser responsabilizada pela Educação, uma vez que esta deve vir do seio familiar, do convívio e das regras familiares impostas pelos pais. No entanto, o texto ressalta que a maior responsabilidade pela criação e, conseqüentemente, formação da criança enquanto cidadã pertence principalmente ao papel materno:

E de toda essa pequena sociedade que se chama família, é a mãe a quem cumpre mais directamente a educação dos filhos. E' a ella, essa creatura transitória entre o homem e o anjo, cujo coração é um abysmo de amor, de solicitude, de graça, de ventura, e de encanto, a quem lhe está confiada a regeneração da sociedade. (A ESCOLA, 1900, p. 27).

Em outras palavras, assim como no texto “Conselho às mães”, o texto “Educação e Instrução” traz a parcela maior da responsabilidade na Educação das crianças para a mãe, que tem por função formar o futuro e respeitoso cidadão. Para o texto, é o zelo materno o principal fator que corrobora para a formação da criança. Sendo assim, é de fundamental importância que a educação desta mulher, ainda menina, seja para o cuidado do lar, já que ela promove o papel de formação dos pequenos cidadãos:

para que ella [a mulher] possa cumprir a sublime missão que lhe está confiada, é mister que tenha o necessario preparo mental e intellectual. Eduque-se a mulher e não deixem que a fatuidade a tome no berço nem a doutrinem na arte de agradar pelo physico, dando-lh'a escassa instrução, inspirando-lh'a a perigosa paixão pelo luxo [...] (A ESCOLA, 1900, p. 28).

No excerto acima, nota-se uma preocupação em manter as mulheres em formação distantes do “luxo”. É necessário que estas meninas, futuras mulheres, mantenham-se na linha da educação para se portarem como futuras donas do lar, responsáveis pela educação que as crianças devem receber em casa. Diante disso, nota-se uma necessidade em manter, por meio das gerações, o papel social da mulher como principais detentoras da Educação do lar para as crianças que têm nas mães a principal referência educacional, moral, ética e de todos os valores sociais os quais ela possa ensinar aos filhos. Considerando a palavra como fenômeno ideológico por excelência, Bakhtin manifesta seu posicionamento a respeito da manifestação ideológica. Isso pode ser representado por meio das palavras aferidas no trecho acima em que aponta a mulher como representante na criação dos filhos. Estes aspectos ideológicos identificados no texto reafirmam a cultura dos papéis sociais à época e como tais papéis são bem marcados dentro do seio familiar. Assim, a criança crescia em um lar cujas referências materna e paterna eram definidas socialmente e cotidianamente.

A infância retratada nos enunciados dos textos *Conselho às mães* e *Educação e Instrução* vai ao encontro da concepção de criança dos finais do século XIX e início do XX, como uma fase no qual o caráter deveria ser formado, pois como bem afirma Rizzini (2011, p. 264), a infância era percebida como valioso patrimônio da nação, um ser em formação que “tanto pode ser transformado em ‘homem de bem’ (elemento útil para o progresso da nação) ou num ‘degenerado’ (um vicioso inútil

a pesar nos cofres públicos)”. Nessa direção, cuidar, instruir e educar de modo eficiente seria uma tarefa indispensável para se formar um cidadão de bem aos moldes do socialmente aceito para os homens e para as mulheres.

Nos textos, fica evidente que as orientações educacionais e de cuidados são direcionadas, sobretudo, para as mães, evidenciando o discurso ideológico que perpassava pela imagem da mulher/mãe como a única responsável pelo cuidar e educar as crianças, que deveria ser aceito como uma verdadeira e digna missão, pois “tudo que ela [a mulher] tem que fazer é compreender a importância de sua missão de mãe, aceitar seu campo profissional: as tarefas domésticas, encarnando a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família” (RAGO, 1997, p. 75). Por outro lado, cabia aos homens exercer atividades/profissões fora do ambiente doméstico, o que explicita o papel a ser ocupado pela mulher na sociedade: boa mãe, esposa e dona de casa.

Convém ressaltar que a responsabilização das mães pelo cuidar está veiculado aos discursos cientificistas das primeiras décadas do século XX, pois muitos médicos e filantropos, os “homens de ciências”, produziram conhecimentos de como se deveria cuidar e educar as crianças, que deveriam ser seguidos corretamente pelas mulheres, que por serem as “donas do lar” foram responsabilizadas a zelarem pelos filhos (MARTINS, 2004), que não eram somente pertencentes às famílias, mas sim ao Estado, tendo em vista que a infância era vista como a “semente do futuro”, logo precisava ser bem tratada para se tornar um “produto” bom para a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto sobre os textos “Conselho às mães” e “Educação e Instrução” presentes na Revista “A Escola”, é possível perceber de que forma a sociedade do início do século XX via a criança: um ser ingênuo, puro e sem maldade. O texto apresenta em especial a responsabilidade da mãe perante a formação da criança no trato do lar.

Essa representatividade da mãe reconhece no discurso aspectos ideológicos que trazem à tona a culpabilidade que a sociedade dava à mãe na formação dos filhos, sendo aquela a maior figura de modelo moral, educacional e ético para a educação do lar destes. Diante disso, exime-se o pai pela educação de casa, voltando-se para a mãe toda a função do lar e na educação pregada dentro deste lar. Tal fato pôde-se ser comprovado em ambos os textos, uma vez que o pai não é citado quando há referência à Educação no seio familiar.

Desta forma, o contexto do início do século XX remete a padrões sociais voltados à preocupação na formação da criança a qual é pura e ingênua. Esta criança representa uma infância do início deste século – período que representa o início do sentimento de modernidade – que corresponde a um ser em que é necessário um investimento para que no futuro ela consiga lidar com

a modernidade almejada pela sociedade.

Ao escrever textos sobre “conselhos” às mães, a Revista “A escola” tenta instruir os pais – em especial as mães – na tentativa de lograr o investimento no ser criança que é o futuro da nação. O texto “Educação e Instrução” corresponde ao mesmo discurso cuja finalidade também é tentar instruir as mães a lidar com seus filhos e conseguir uma educação do lar de excelência para que seja consolidado o investimento na criança. Sendo assim, ambos focaram na figura materna como representante dessa educação do lar e desse investimento na educação dos filhos.

REFERÊNCIAS

A ESCOLA. **Revista Oficial de Ensino**, n 56, p. 71-72, 1904.

A ESCOLA. **Revista Oficial de Ensino**, Ed. n. 6, 1900.

A ESCOLA. **Revista Oficial de Ensino**, Belém/Pará, Anno 5, n. 56, nov. 1904. [Revista de publicação mensal, fundada pelo Director Geral da Instrução Pública: Virgílio Cardoso de Oliveira].

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

FIORIN, J.L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARTINS, A. P. V. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. p. 217-224. 14

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RIZZINI, Irene. **O século perdido**. Raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2011

Recebido em: 19/10/2016
Aprovado em: 20/12/2016